



ESTADOS UNIDOS

Novos e-mails enviados pelo financista americano Jeffrey Epstein, acusado de pedofilia e tráfico sexual, comprometem ainda mais o presidente Donald Trump. Câmara dos Representantes deve votar a divulgação de todos os arquivos do caso

Pressão pela verdade

» RODRIGO CRAVEIRO

Se, por um lado, Donald Trump experimenta alívio com o fim do shutdown, depois de 43 dias de paralisação dos serviços do governo federal, por outro, o presidente republicano enfrenta talvez o mais grave escândalo de sua gestão. A divulgação, por parte dos democratas da Câmara dos Representantes, de e-mails trocados pelo financista americano e criminoso sexual Jeffrey Epstein com uma aliada, um advogado e um jornalista causou furor no Capitólio. Mike Johnson, líder da Câmara, anunciou que a Casa suspenderá o recesso e votará, na próxima semana, um projeto de lei para tornar públicos todos os arquivos do caso Epstein.

Novas mensagens de Epstein — acusado de tráfico sexual de menores — tornam a situação de Trump ainda mais delicada. Em um dos e-mails, o pedófilo pergunta para Landon Thomas Jr., então repórter do *The New York Times*: “Gostaria de ver fotos de Donald com garotas de biquíni na minha cozinha?”

Em 3 de dezembro de 2018, uma pessoa não identificada escreveu para Epstein, por meio do iMessage (serviço de mensagens da Apple): “Isso tudo vai ser esquecido! Eles estão apenas tentando derrubar Trump e fazendo de tudo para isso...”, afirmou. Epstein respondeu: “Sim, obrigado, é uma loucura, pois sou eu quem pode derrubá-lo”. O contexto não ficou claro.

Quatro meses antes, em outro e-mail, o pedófilo disparou: “Eu sei o quão sujo Donald é”. A declaração foi feita em troca de mensagens com Kathryn Ruemmler, uma ex-conselheira da Casa Branca durante o governo de Barack Obama. Na época dos dois e-mails, Trump exercia o primeiro mandato.

As consequências políticas dos primeiros 20 mil e-mails divulgados podem ser desastrosas para os republicanos. A emissora de televisão CNN informou que o partido governista espera uma defecção em massa durante a votação pela liberação dos arquivos — a expectativa é de que muitos dos republicanos votem ao lado dos democratas e pressionem por transparência.

“Impacto poderoso”

Ex-procurador federal para o Distrito Sul de Nova York, Roland Riopelle considera que os e-mails trocados por Epstein com menções a Donald Trump terão um “impacto poderoso” sobre o presidente. “Trump foi retratado de forma muito negativa nessas mensagens”, afirmou ao **Correio**. Segundo ele, a justificativa da Casa Branca de que os democratas criaram uma “falsa narrativa” para difamar Trump soa “ridícula”. “Não há nada de falso em relação aos e-mails. Eles são completamente genuínos e muito prejudiciais para a imagem de Trump. Então, qualquer difamação contra o presidente é autoinfligida.”

Saul Loeb/AFP



Manifestante segura cartaz com a frase “Divulguem os arquivos”, durante ato do lado de fora do Capitólio, em Washington

Brendan Smialowski/AFP



Donald Trump (C) exhibe a assinatura na ordem executiva que reabriu o governo

Peter M. Shane, professor de direito da Universidade de Nova York, explicou ao **Correio** que Trump invariavelmente classifica como “notícias falsas” ou “farsa” toda informação que o coloca em situação desfavorável. “Tanta informação que vem

à tona corrobora a narrativa de que ele sabia da depravação de Epstein e ignorou-a ou tolerou-a ativamente. Acho que muitos eleitores do ‘Make America Great Again’ (Fazer a América grande novamente) não acreditarão nas evasivas de Trump”, aposta.

Para Shane, a divulgação de alguns e-mails pelos democratas da Câmara dos Representantes provavelmente teve o objetivo de pressionar os republicanos da Casa a se moverem rapidamente na liberação de todas as mensagens que eles obtiveram do espólio de Epstein. “Se essa era a estratégia, ela funcionou”, disse.

Shutdown

No fim da noite de quarta-feira, ao assinar a ordem executiva que sanciona o fim da maior paralisação da história dos EUA, Trump anunciou: “Hoje enviamos uma mensagem clara de que nunca nos submeteremos a uma extorsão”. A paralisação orçamentária forçou a demissão temporária de centenas de milhares de funcionários, provocou cancelamentos de voos e angústia entre famílias que dependiam de ajuda pública para subsistir.

De acordo com o Escritório de Orçamento do Congresso, os EUA sofreram prejuízos de até US\$ 14 bilhões (R\$ 74 bilhões) com o bloqueio orçamentário. Como algumas áreas foram bastante afetadas — como o transporte aéreo e alguns programas do governo —, a previsão é de que a reabertura completa do Estado leve algum tempo.

Anúncio eleva tensão no Caribe

Uma mensagem publicada na noite de ontem pelo secretário de Guerra, Pete Hegseth, e uma informação divulgada pela emissora norte-americana CBS News sugerem que os EUA podem estar preparando uma escalada da ofensiva militar contra o narcotráfico no Mar do Sul do Caribe ou mesmo um ataque à Venezuela.

“O presidente (Donald) Trump ordenou a ação, e o Departamento da Guerra a está entregando. Hoje, estou anunciando a Operação Lança do Sul”, escreveu Hegseth. “Liderada pela Força-Tarefa Conjunta Lança do Sul e pelo Comando do Sul (Southcom), essa missão defende nossa pátria, remove narcoterroristas de nosso hemisfério e protege nossa terra das drogas que estão matando nosso povo. O Hemisfério Ocidental é a vizinhança da América (EUA) — e nós o protegeremos”, acrescentou.

No anúncio, o chefe do Pentágono não forneceu qualquer detalhe sobre a operação. Por sua vez, a CBS News divulgou que altas autoridades militares dos Estados Unidos apresentaram a Trump opções atualizadas por operações em potencial na Venezuela, incluindo ataques por terra. A reportagem citou várias fontes familiares com reuniões na Casa Branca.

Segundo essas fontes, Hegseth e o chefe do Estado-Maior, Dan Caine, apresentaram a Trump as opções militares sobre a mesa para os próximos dias. Duas dessas fontes asseguraram à CBS News que nenhuma decisão oficial tinha sido tomada. Tanto a Casa Branca quanto o Pentágono se recusaram a comentar o tema.

Manobras

A mobilização naval americana no Mar do Sul do Caribe foi anunciada depois que Washington acusou o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, de liderar cartéis de droga. Desde então, os EUA atacaram diversas embarcações com um balanço de 76 supostos “narcoterroristas” mortos. Na terça-feira, o maior porta-aviões do mundo, o USS Gerald R. Ford, foi incorporado a essa operação em águas caribenhas.

Ontem, Maduro foi questionado por um jornalista da emissora CNN sobre a preocupação com uma ação militar dos EUA. “Estamos ocupados com o povo, governamos pela paz”, disse. Ele defendeu que o povo americano se una pela paz no continente. “Não mais guerras intermináveis, não mais guerras injustas. Não mais Líbia, não mais Afeganistão. Sim, paz”, concluiu.

TERRORISMO

França lembra 10 anos de atentados em Paris

Às portas da casa de espetáculos Bataclan, dezenas de ramalhetes de flores podiam ser vistos atrás e entre dois membros da Guarda Republicana, em posição de sentido, ao lado de uma placa alusiva ao pior atentado da história da França. Ali, terroristas suicidas do Estado Islâmico assassinaram 90 pessoas, em 13 de novembro de 2015. Naquela noite, outras 40 foram executadas pelo comando extremista em bares, restaurantes e terraços. “Ninguém pode garantir, infelizmente, o fim dos atentados, mas podemos garantir que, para aqueles que pegarem em armas contra a França, a resposta será implacável”, declarou o presidente Emmanuel Macron, durante a cerimônia alusiva ao 10º aniversário dos ataques a Paris. A Torre Eiffel iluminou-se com as cores da bandeira da França — azul, branco e vermelho —, e a Place de la Republique se transformou em um memorial aos mortos.

Para marcar a data, Macron e a prefeita de Paris, Anne Hidalgo, percorreram os locais dos ataques e inauguraram o Jardim da Memória, no centro da capital, durante uma cerimônia emocionante ao som de rock. “Este será um lugar onde todas as

vítimas que perderam a vida serão identificadas, onde os sobreviventes se encontrarão e onde a vida estará presente”, explicou Philippe Duperron, da associação de vítimas 13onze15.

Os “heróis” desconhecidos dos atentados — policiais, psicólogos, enfermeiras, funcionários de limpeza... — leram os nomes das 132 vítimas: as 130 assassinadas naquela noite e duas sobreviventes que não superaram o trauma e acabaram tirando a própria vida mais tarde. Os sinos das igrejas de Paris, com destaque para a Catedral de Notre-Dame, repicaram, e um símbolo da paz foi iluminado ao redor da Torre Eiffel.

Naquela noite de 13 de novembro de 2015, os ataques começaram nos arredores do Stade de France, ao norte de Paris, onde a seleção francesa disputava uma partida contra a Alemanha, na presença do então presidente francês, François Hollande. Uma pessoa perdeu a vida: Manuel Dias. “Meu pai amava a vida”, lembrou, emocionada, ontem, sua filha Sophie Dias. “Nos dizem para virar a página 10 anos depois, mas a ausência é imensa, o impacto segue intacto e a incompreensão ainda reina”, acrescentou.

Thibaud Moritz/AFP



Franceses homenageiam os 130 mortos em memorial na Place de la Republique

Os agressores assassinaram em seguida cerca de 90 pessoas na casa de shows Bataclan, onde se apresentava a banda Eagles of Death Metal, e dezenas mais em restaurantes e cafés da capital francesa. Nove terroristas morreram, baleados pela polícia

ou ao acionarem os explosivos presos aos corpos, com exceção de Salah Abdeslam, que fugiu e foi preso meses depois na Bélgica. Atualmente, ele cumpre prisão perpétua em uma penitenciária francesa de segurança máxima.



Ninguém pode garantir, infelizmente, o fim dos atentados, mas podemos garantir que, para aqueles que pegarem em armas contra a França, a resposta será implacável

Emmanuel Macron,
presidente da França

“Eles escolheram atacar o que mais odiavam: nossa liberdade, nossa alegria de viver, o espírito festivo, que é a alma de nossa cidade”, resumiu Anne Hidalgo. “Naquela noite, nossa democracia foi o alvo”, acrescentou a prefeita de Paris.